



MARIANO

ORGÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DO COLÉGIO CATARINENSE

Ano V

Florianópolis, Dezembro de 1947

N. 10

O CONSTRUTOR

Virtude: Uma fé firme e ativa.

Defeito oposto: Dúvida voluntária e negação da fé.

O Construtor: "Senhor, conserva-nos na fé". (100 dias de indulgência).

O Ajudante: "Ficai comigo, Senhor; sede Vós a verdadeira alegria de minha alma". (300 dias).

Método: Começa o dia com atos de fé. Ao levantar, repete cinco vezes as jaculatórias acima; diz estes grupos de cinco muitas vezes durante o dia. De noite, pergunta, quantas vezes as repetistes e marca o número num caderninho, comparando-o com o do dia anterior.

Construindo: A experiência de cada dia demonstra a loucura de querer basear nossa vida moral na areia movediça das filosofias humanas. Para resistir às tempestades arrasadoras das tentações da vida, a alma do homem deve estar ancorada na Rocha divina da eternidade: Deus Todo-Poderoso. Seja a fé divina o fundamento, a esperança as paredes, a caridade o tecto, a oração e os sacramentos os suportes interiores, e as virtudes cristãs a decoração interna. Tal edifício indestrutível descansa sobre a nossa fé em Deus e Sua palavra revelada. "Ó Senhor, conserva-nos na fé", suplica o Pai da Luz que liberte a mente dos erros da descrença e nos fortaleça na nossa santa religião. O Ajudante: "Ficai comigo, Senhor; sede Vós a verdadeira alegria de minha alma", como membro do Corpo Místico, implora a coragem de perseverar em estado da graça santificante. Pois só Jesus Cristo, o Homem-Deus, pode doar verdadeira paz e alegria a nossas almas.

Na Defensiva: Juliano, o Apóstata, perdeu o dom da fé e tornou-se violento perseguidor da Igreja de Cristo. Toda época tem suas dúzias de maus católicos que são uma desgraça para a Igreja, um escândalo para os bons católicos e um grave obstáculo para os não-católicos. Sem conta são as tentações contra a nossa santa fé, hoje em dia. Literatura ateia, livros antireligiosos e educação irreligiosa, unidos aos prazeres sedutores do mundo, tratam de enfraquecer e destruir este dom de inestimável valor. Frequentes grupos de atos de fé, expressos por nossas aspirações, protegem a alma com um muro duplo de defesa. Como oração, fortificam a nossa posição com graças adicionais para resistir à força da tentação, enquanto, como atos de virtude, aprofundam nossa convicção com respeito às verdades reveladas por Deus mesmo.

MARIANOS CÉLEBRES

10. O Protomártir da C. M.

Em 1569, achava-se na França o fundador das Congregações Marianas, o P. João Leunis, S. J. No Colégio de Clermont de Paris organizou uma bandeira mariana. De lá dirigiu-se para outras partes do país de São Luiz Rei. Chegou a uma pequena cidade, são muito distante de Clermont-Ferrand, de nome Billom. Esta cidade viu surgir, em 1455, dentro de seus muros uma universidade que, 102 anos mais tarde, se transformou em colégio de jesuitas. Também este colégio devia ter sua Congregação Mariana.

Entre os jovens cavaleiros de Maria que tiveram a felicidade de depor sua promessa de fidelidade à Rainha Celeste nas próprias mãos do Fundador, achava-se um menino de uns 14 anos. Chamava-se Tiago Salès.

A sua casa natal em Lezoux, na Auvergne, onde veio ao mundo aos 21 de Março de 1556, era o lar de um pobre casal de lavradores. Um tesouro, porém, legaram-lhe seus pais: uma profunda piedade. Desde a idade de sete anos ajudava diariamente várias Missas, sempre acompanhado de seu livro de reza e do rosário.

Um sacerdote, movido pela piedade e pobreza do menino, proporcionou-lhe aulas nas matérias do curso ginasial. Tanto avantajou-se nos estudos o jovem Tiago, que obteve um dos lugares gratuitos que a diocese mantinha no colégio de Billom. De tal forma aproveitou as lições que chegou a falar o latim e o grego com a mesma facilidade com que manejava sua língua materna, o francês.

Em Paris, onde completava seus estudos linguísticos, ouviu a voz que o chamava para a Companhia de Jesus. Sua saúde fraca opôs-lhe graves obstáculos durante os anos que dedicava ao estudo da filosofia e da teologia. Por este motivo teve que interromper as labutas escolares. Mas, quando em Pont-à-Mcussion faltava um professor de filosofia e seus superiores lhe sugeriram que preenchesse esta lacuna, para o que julgaram-no apto,

Aspirações de Reparação: O conhecimento de nossa santa religião é uma grande bênção que traz consigo a responsabilidade do bom exemplo. Somos, quer queiramos ou não, um poder para o bem ou para o mal. Ou construímos ou destruímos a vida moral de nossos amigos. Em espírito de reparação do passado, apresenta o construtor à divina Vítima no altar do sacrifício diário, frequentes grupos de nossas aspirações de fé.

Charles A. Imbs, S. J.

apesar de sua pouca idade, mostrou-se logo pronto. E durante três anos lecionava a disciplina de tamanha importância.

Depois de sua ordenação de sacerdote, deixou-se o P. Tiago Salès durante vários anos ao estudo das obras de St. Tomás de Aquino. Assim aparelhado assumiu a regência da cátedra de teologia. Sua ciência divina não se contentava com o ensinar. Vivia sua teologia. Isto manifestava-se principalmente na profunda devoção ao Ssm. Sacramento do Altar. Quem contará as horas que passava ao pé do tabernáculo em colóquios íntimos com Jesus-Hóstia? E seu pedido constante era a graça de poder sacrificar sua vida por Aquele que se aniquilou por amor de nós.

E Deus, incalculável nas disposições de sua providência, abriu-lhe o caminho para o martírio.

Mais uma vez, a saúde do P. Tiago falhou. Foi em 1589. Seus superiores mandaram-no para a cidade de Dôle. A mudança de ar, o repouso e os cuidados de seus irmãos de hábito restituíram-lhe tantas forças que, no ano seguinte, sentiu-se com forças para pregar uma missão popular em Ornex. Um dos frutos deste labor apostólico foi a renovação da devoção a Jesus Eucarístico que obrou nos habitantes daquele lugar. Depois de uma série de sermões em Valence, escreveu um tratado sobre a Eucaristia. Este trabalho deveria custar-lhe a vida, ou antes, merecer-lhe a corôa do martírio.

Aubenas é hoje capital de um cantão no departamento de Ardèche (França). Em nossos dias ainda existem as ruínas de um castelo que teve papel saliente nas guerras religiosas do século 16. Em 1564, sua guarnição católica foi surpreendida e morta. Em 1587, a Liga retomou a praça.

As vicissitudes bélicas tinham profundamente abalado a vida moral e religiosa. Por tal razão pediram as autoridades aos superiores da Companhia de Jesus que lhes mandassem um bom teólogo para as importantes pregações de Advento e Quaresma.

Os superiores fizeram melhor. Enviaram dois santos.

Um deles era o professor de teologia, P. Salès. Para que este não estivesse só, deram-lhe como companheiro o Irmão Guilherme Saultemouche, um religioso que em toda a sua vida de ordem se distinguira por sua simplicidade, obediência e profunda devoção a Jesus Sacramentado.

Em Novembro de 1592, começou o P. Tiago seus sermões. Entre os ouvintes havia muitos huguenotes. E isto causava inquietação. "Há qualquer cousa no ar", dizia-se. E pelo Natal diminuía sensi-

velmente a assistência aos sermões.

Realmente, nas trevas da noite do dia 6 de Fevereiro de 1593, Chamband, um caudilho dos hereges, apoderou-se da cidade. Pendeu logo os dois jesuitas.

"Onde está vosso dinheiro?" foi a primeira pergunta.

"Não temos nada", foi a resposta do sacerdote. "Mas se a religião é a causa de nossa prisão, estamos prontos a dar a vida pela fé".

Pela tarde apresentaram-se pregadores calvinistas e começaram a disputar sobre vários artigos de fé, mas principalmente sobre a presença real de Jesus no Santíssimo Sacramento. Em certa altura, os pregadores descontentes com suas derrotas teológicas, fizeram tal algazarra que o P. Tiago não conseguiu mais fazer-se ouvido. Por isto entregou-lhes seu tratado sobre a Eucaristia. O pregador Labat apossou-se da obra e afastou-se com os mais.

Raiou o dia 7 de Fevereiro de 1593. Depois de uma noite passada num frio cárcere e sem outro alimento do que um pedacinho de pão, os dois religiosos foram levados à casa de um tal de la Faye, juiz da cidade.

P. Tiago, entretanto, já estava condenado como "sacerdote de ídolos e falso profeta". Ao Irmão Guilherme quiseram dar a liberdade. Mas este insistiu em que deveria obedecer às ordens dadas pelos superiores de acompanhar ao P. Tiago. E ficou.

Mais uma vez, Labat exortou ao teólogo que renunciasse ao que tinha escrito e dito sobre o Ssm. Sacramento do Altar. Salès ficou firme.

Agora, a ira do herege não conhecia. Exigiu a morte do jesuita.

Um soldado disparou sua arma sobre o sacerdote. Um outro feriu-o com um punhal. Mais um terceiro ensanguentou sua espada com o sangue generoso do mártir. Finalmente, acorreu um homem e abriu-lhe uma larga ferida no pescoço. A última palavra da vítima era o nome de Jesus.

O Irmão, vendo morto o padre, se lançou sobre ele e ali mesmo sucumbiu ele também aos golpes dos furiosos inimigos de Cristo.

Unidos na vida, não se separaram na morte e juntos foram coroados com a corôa dos mártires. E juntos foram elevados à honra dos Altares por Pio XI, aos 6 de Junho de 1926.

O Congregado Tiago Salès aproveitou bem as lições ministradas na Escola de Maria. Pela mão da Mãe celeste deixou-se levar a Jesus, santificando-se, salvando a milhares e morrendo pela defesa da Igreja, única depositária da verdadeira fé.

LIVROS

O *Excêntrico Mr. Blue*, por Myles Connolly; Livraria AGIR Editora, Rio de Janeiro, 1947. — Os "fans" dos Hemmingway e dos Steinbeck não gostarão deste livro. Pois Mr. Blue é um "sinal de contradição"; é um excêntrico para os grande e pequenos burgueses que com sua sabedoria mundana corromperam a sociedade moderna. Mr. Blue quer VIVER a doutrina de Cristo. Por isto, desfaz-se de uma grande fortuna. Por isto, partilha com os deserdados pela fortuna terrestre seus tugúrios, dorme com eles nos bancos dos jardins públicos, trabalha com eles no depósito de madeira, fala-lhes do Cristo Redentor, a eles que nunca iriam a uma igreja, que nunca perderiam um minuto para ouvir a palavra da salvação pregada nas vias públicas. E como ele sabe falar! Com os cultos revela uma grande cultura pessoal. Os simples, ele os atrai com sua simplicidade verdadeiramente evangélica. Este chamado "excêntrico" está, na realidade, bem centrado. O centro ao redor do qual giram todos os seus pensamentos, palavras e actos, é Cristo. E este Sol que ilumina todo o mundo, fá-lo ver os grandes problemas e os grandes meios para resolver estes problemas. Fá-lo ver as fontes do mal. E Mr. Blue sabe que a raiz de todos os males é o abandono da fé, a troca de Deus pela matéria. Por isto, despreza toda providência humana, pondo sua confiança inteiramente na Providência divina. Dai sua inteira liberdade e independência. Dai sua despreocupação que se aproxima da loucura, da "loucura" do Evangelho. — Sec.: C.

Folhas de Caem, por John Louis Bonn, S. J.; Livraria AGIR Editora, Rio de Janeiro, 1947. — Este romance é a história de uma mulher corajosa, da bíblica "mulher fortis". Madre Valência é mandada para os Estados Unidos, depois de ter trabalhado na sua pátria francesa até a idade de 42 anos. Devia orgnizar o hospital de Hartford, Conn. Encontrou, ao chegar, uma casa em vias de remodelação com apenas dois quartos mobilados. Um era o quarto de hóspede, o outro era a capela. Para a Madre e suas três companheiras faltava tudo. E ela nem sequer sabia falar inglês. Nunca o aprendia a falar até o fim de seus oitenta e dois anos. Mas Madre Valência era uma pessoa decidida que dava as suas ordens em francês aos médicos, às freiras e enfermeiras, aos arquitectos e operários que, com o correr dos anos, construíram aquele enorme complexo de casas que iam formar as diferentes dependências de um dos hospitais mais modernos. Sim, ela era decidida. Uma vez, em Nova Iorque, sua companheira e irmã de hábito sugeriu que fossem almoçar num convento de uma determinada congregação de freiras. Mas Madre Valência achava que não convinha incomodar aquelas religiosas, reforçando o argumento com a afirmação que estava com muita fome. Achou um restaurante reservado a homens. A superiora não se via constrangida por reservas que julgava desnecessárias e entrou no estabelecimento como

ESCOLA DE GUERRA (XX)

39. "Tenham como feita a si de modo especial (1) a exortação à Comunhão frequente e cotidiana, (2) dirigida aos fiéis pela Santa Sé; (3) portanto, muito se recomenda a todos e cada um dos congregados que se contentem com receber o Pão Eucarístico só naqueles dias em que podem lucrar indulgência plenária, mas procurem adquirir o pio e salutar costume de se acercarem muitas vezes e até todos os dias (4) da Sagrada Mesa".

Comentários: (1) Repararam bem nestas palavras: "como feita a si de modo especial", que com inusitada insistência chamam os Congregados para a união com Cristo. Não pense o Congregado (ou Candidato) que este convite vale só para fulano ou sicrano. Se jámais, é aqui que o Congregado mostra que estima a C. M. sobre todas as cousas, aceitando e seguindo seus sábios conselhos. A finalidade dela é justamente levar tudo e todos a Cristo: "Por Maria a Jesús". — (2) O Congregado crê firmemente que Cristo, o Filho de Deus humanado, está realmente presente sob as espécies da Hóstia consagrada. Seu amor a Cristo, seu interesse próprio, a vontade decidida de trabalhar pela salvação do próximo e a defesa da Igreja devem impeli-lo à união eucarística com o Salvador. Que pode impedir esta união frequente e até cotidiana? Exceptuando-se casos de força maior que materialmente impeçam a Comunhão, será a fé fraca, o pouco interesse pelos ideais marianos e o pecado que deixarão indiferente o Congregado quanto a este convite. Ora, a fé se fortalece com a frequência do Sacramento da Fé. A Comunhão frequente desperta e incentiva o interesse pelos ideais marianos. E não há meio mais eficaz contra o pecado do que o Pão dos Anjos. A Sta. Comunhão não é um prêmio para os bons. É um remédio contra as fraquezas humanas. É o "pão nosso de cada dia" para a alma que pede alimento como o corpo. Todas as objeções

se fosse o refeitório de sua comunidade. Por um momento, silêncio significativo por parte dos comensais do outro sexo. Mas o garçon encarregado da mesa escolhida, com perfeito domínio de si, atendeu-a como uma princesa. Este facto e milhares semelhantes caracterizam a grande superiora. Era autoritária, sim, mas nunca egoísta. Era disciplinária, mas sempre alegre e bondosa. Encontrou muitos inimigos, mas fez inúmeros amigos entre todas as classes da população. Para os ricos e poderosos, era uma sábia conselheira, para os pobres uma mãe que dava com ambas as mãos, sem que a cabeça soubesse quanto distribuíam. Não que nadasse em dinheiro. Não foi preciso. Para que serve, então, a confiança em Deus e na intercessão de São José?! — Embora sejam inevitáveis num romance biográfico certas repetições, o autor sabe prender o leitor desde o início até o fim. Derrama sobre todas as páginas aquele fino humor de que dispõem os americanos e os santos. — Sec.: C.

que se possam fazer, já receberam sua resposta. Estão resumidas estas respostas na palavra de Cristo: "Vinde a mim todos que andais carregados". Carregados de faltas e fraquezas e misérias andamos todos os dias. A consequência lógica é óbvia. — (3) É o Sumo Pontífice, o Representante visível de Cristo, que nos aconselha a Comunhão frequente e até cotidiana, ele que é responsável por todas as almas, ele que goza, de modo particular, da assistência do Divino Espírito Santo. Atrás dele está a experiência multissecular. Atrás dele está a doutrina infalível da Igreja de vinte séculos, doutrina esta que tem como uma das provas mais concidentes as incontáveis fileiras dos Santos. — (4) "Todos os dias", insiste a regra, mais uma vez. Por que não? A cada momento devemos estar prontos para apresentarmo-nos ao Juiz, e nas mesmas condições que se exigem para a Sta. Comunhão. Que preparação melhor pode haver para aquele momento tão tremendo, incerto, mas infalível, do que a recepção diária deste mesmo Juiz?! Ele, então, não será Juiz, mas Salvador.

40. "A SS. Virgem é Padroeira principal das Congregações Marianas; os congregados devem, pois, ter-lhe uma devoção muito particular, (1) esforçar-se por imitar suas exímias virtudes, (2) pôr nela toda a sua confiança, (3) e animar-se mutuamente a amá-la e servi-la com piedade filial". (4).

Comentários: (1) Devoção é comunhão de interesses entre duas pessoas. É dedicação de todas as nossas forças, de nossa mesma vida à causa de Nossa Senhora. Manifesta-se esta devoção em orações e obsequios em honra da Padroeira; mas, principalmente, (2) no sério e constante esforço de imitar as virtudes da Mãe de Jesús. Nisto consiste um dos melhores meios da santificação própria, da salvação do próximo e da defesa da Igreja. — (3) Já que Maria é realmente a Mãe de Deus e Mãe nossa, não há cousa mais natural do que uma confiança ilimitada no poder e na bondade dela. — (4) Se quisermos medir a profundidade de nossa devoção a nossa Padroeira, perguntemo-nos qual seja o nosso empenho para torná-la amada e servida pelo próximo.

No prelo:

2. edição, aumentada de

LOUVORES E PRECES

Manuel de Cânticos e Orações pelo P. Werner José Soell, S. J.

I. Parte: 187 cânticos.

II. Parte: Devocionário contendo: Orações para a Sta. Missa (1 e 2), exercícios para a Confissão, 10 exercícios para a Sta. Comunhão, Via Sacra, orações para as reuniões do Apostolado da Oração e da Congregação Mariana, as Ladinhas Oficiais da Igreja, e muitas orações variadas (ao Ssmo Sacramento, à Nossa Senhora, a São José, pelas Missões, pelas vocações sacerdotais, pela Igreja, etc.).

"Louvores e Preces" é o devocionário ideal para escolas, Congregações Marianas e Apostolados.

A sair em fins deste mês.

CANTINHO LITÚRGICO

Depois das orações ao pé do altar (ou, na Missa solene, depois da incensação do altar), o sacerdote dirige-se para o lado esquerdo ("esquerdo" com referência ao cruzeiro que se acha no meio do altar) e lê o *intróito*.

O *intróito* se compõe de uma antífona e, geralmente, de um ou dois versos de um salmo, seguidos pela doxologia "Glória Patri" etc. com repetição da antífona.

O texto da antífona é quase sempre tirado do Saltério, às vezes também de outros livros tanto do Antigo como do Novo Testamento.

Sua finalidade é manifestar o carácter da respectiva Missa. Assim exprimem as palavras do *intróito* alegria ou tristeza, conforme o mistério a ser venerado na Missa. É evidente que uma Missa de Natal ou da Páscoa da Ressurreição requer um texto diferente do da Missa do Domingo da Paixão ou de Réquiem.

Ao ler as primeiras palavras do *intróito*, o sacerdote persigna-se, porque esta parte da Missa é a primeira das orações mutáveis. Na Missa de Réquiem faz o sinal da cruz sobre o Missal. Esta cerimônia não se refere, evidentemente, ao livro, mas às almas do Purgatório, para as quais se implora a plenitude dos frutos do santo sacrifício.

A SOMBRA RESPLANDECENTE DO MARTÍRIO

Daniel A. Lord, S. J.

Quando nos dias já tão distantes antes de nossa Primeira Comunhão, pela vez primeira ouvimos falar dos mártires de Roma, sentimo-nos exaltados. Era uma cousa gloriosa o pertencer a uma Igreja que possuía tais heróis. E lamentamos a nossa própria sorte: Por que tínhamos que nascer numa era menos heróica? Por que éramos privados da oportunidade de sacrificar as nossas vidas por Cristo?

Mas ficando mais velhos, começamos a notar que o martírio nos rodeava. Era mais duro dizer "não" à tentação do que teria sido dizer "não" a um juiz pagão ordenando-nos que venerássemos ídolos pagãos. Era mais duro combater as feras selvagens das paixões do que teria sido combater as feras sedentas de sangue no Coliseu. E todos os dias, a um preço terrível para o nosso orgulho, nosso prestígio, nossa oportunidade de nos divertir, para os lucros fáceis, para os aplausos públicos, tínhamos que fazer profissão pública de nossa fé.

E hoje vemos claramente que neste mundo moderno veiu não somente a segunda espécie de martírio — o martírio inerente a uma vida boa — mas a primeira espécie também, o glorioso martírio de violência e sangue. Estou curioso, se não virão nos quais, quando volvido por um olhar retrospectivo para os nossos dias, para aquelas nações que estigmatizam como crime capital o ser realmente católico, meneando suas sábias cabeças, dirão os historia-

CALENDÁRIO MARIANO

Dezembro de 1947 — Fevereiro de 1948

Dezembro:

Dias:

5. 6. f. Primeira Sexta Feira do mês.

8. 2. f. Festa da Imaculada Conceição. — **Dia Santo de Guarda.**

12. 6. f. Nossa Senhora de Guadalupe, Padroeira da América Latina.

25. 5. f. Natal de Nosso Senhor — **Dia Santo de Guarda.**

Janeiro:

Dias:

1. 5. f. Circuncisão de Nosso Senhor. — **Dia Santo de Guarda.**

2. 6. f. Primeira Sexta Feira do mês.

6. 3. f. Festa dos SS. Reis. — **Dia Santo de Guarda.**

Fevereiro:

2. 2. f. Purificação de Nossa Senhora.

6. 6. f. Primeira Sxta Feira do mês.

Bôas Férias!

Abençoada Festa de Natal e Feliz Ano Novo!

O Mariano

dores objetivos: "Aqueles dias superaram todas as outras épocas de mártires".

Não vive hoje nenhum católico que não tenha que sofrer por sua fé. Ele tem que sofrer na sua luta contra a tentação. Tem que aguentar os golpes do cinismo e do ridículo, o zombar sutil e o insulto enfático, lançados ao homem e à mulher que seguem os vestígios do Cristo puro. E se ele está alerta para a marcha dos acontecimentos no mundo, sabe que está vivendo rodeado de potenciais mártires.

A prova pode vir para cada um de nós, a prova de arrostar a morte. Deus nos dê a coragem de morrer. Mas a graça e a coragem de morrer vê não num repente, no momento em que enfrentamos a metralhadora ou o campo de concentração, mas como resultado do martírio diário de ser católico corajoso. Homens e mulheres que vivem bravamente, morrem bravamente. Homens e mulheres que dizem "não" à tentação diária, dirão "não" ao tirano. Homens que levam uma vida corajosa de católicos militantes, estarão de pé heróicamente, quando as sombras do martírio da Europa ou do México ou da Rússia se projetarem sobre o nosso caminho.

Os bravos morrem bravamente.

Os puros correm sófregamente ao encontro de Deus.

Aqueles que viveram como mártires, morrem com um sorriso nos lábios, quando a corôa do martírio lhes for estendida por mão de anjo.

(Trad.)

OS PAPAS QUE TIVERAM O NOME DE PIO

Pio I: Dêste Papa pouco se sabe. Foi o nono sucessor de São Pedro na Sé Romana. Governou a Igreja de 140-154 (ou 155). Morreu mártir e é venerado como santo.

Pio II: Nascido em 1405, morreu em 1464. Salientou-se como poeta e humanista. Nomeado Cardeal em 1456, subiu ao Sumo Pontificado em 1458. Como Chefe supremo da Igreja tentou organizar uma cruzada contra os turcos. Conseguiu a abrogação da "Pragmática Sanção" por parte de Luís XI da França. Escreveu: Euriale e Lucrécia, Memórias sobre o Concílio de Basileia, Cartas, Discursos, Histórias do meu tempo.

Pio III: Nasceu em 1437. Era sobrinho de Pio II. Eleito Sumo Pontífice aos 22 de Setembro de 1503, veio a falecer já no dia 18 do seguinte mês.

Pio IV: Veiu ao mundo em 31 de Março de 1499, na cidade de Milão. Subiu ao trono pontifical a 25 de Dezembro de 1559. Reabriu o Concílio de Trento e é o autor da "Profissão Tridentina" ou "Símbolo Tridentino". Morreu aos 9 de Dezembro de 1565. — Pio IV era tio de S. Carlos Borromeu, grande reformador católico.

Pio V: Viveu desde 17 de Janeiro de 1504 até 1º de Maio de 1572. Com 14 anos de idade entrou na ordem de S. Domingos. Em 1557 foi feito Cardeal e um ano mais tarde nomeado Grande Inquisitor. Desde a sua eleição para a suprema dignidade, em sete de Janeiro de 1566, tratou de executar as reformas exigidas pelo Concílio de Trento. A isto serviram a publicação do Catecismo Romano (para os párocos), as edições melhoradas do Missal e do Breviário. Excomungou a rainha Elisabeth da Inglaterra e conseguiu uma aliança com a Espanha e a República de Veneza, cujas frotas unidas com a do Papa alcançaram a retumbante vitória de Lepanto, aniquilando para sempre o poder marítimo dos turcos. Em virtude da santidade de sua vida, Pio V foi canonizado em 1712.

Pio VI: Nascido em Casena (Itália) a 27 de Dezembro de 1717, recebeu o chapéu cardinalício em 1773, sendo eleito Sucessor de São Pedro aos 15 de Fevereiro de 1775. Fez uma viagem a Viena d'Austria para dissuadir ao imperador José II de que continuasse com suas "reformas" religiosas (que lhe valeram a alcunha de "Irmão Sacristão" por parte de Frederico II da Prússia). Durante a Revolução Francesa, condenou a Constituição Civil do Clero. Aos 20 de Fevereiro de 1798, Napoleão I invadiu os Estados Pontifícios e levou o Papa como prisioneiro para Valence (França), onde morreu aos 28 de Agosto de 1799.

Pio VII: Como seu antecessor, nasceu em Casena, no dia 14 de Agosto de 1742. Com 16 anos era monje beneditino. Foi sagrado Bispo de Imola e creado Cardeal em 1785. Por causa da ocupação francesa, o conclave para a eleição do sucessor imediato de Pio VI realizou-se em Veneza, no convento beneditino de São Jorge. A urna eleitoral adjudicou a tríplice corôa ao Cardeal Gregório Chiaramonti,

que tomou o nome de Pio VII. Foi no dia 14 de Março de 1800. Conseguiu concluir concordatas com a França, Baviera, Sardenha, Espanha e Prússia. Em 1804, foi convidado para coroar, em Paris, a Napoleão I como imperador dos franceses. Tendo Napoleão desrespeitado a concordata, Pio VII excomungou ao Corso arrogante, em 1809. Um mês depois é preso e levado para a França. Mas, em 1814, quando Napoleão tomou o caminho para o exílio, Pio VII volta para Roma, onde é triunfalmente recebido. No mesmo ano ainda (7 de Agosto), restabelece a Companhia de Jesus. — Morreu aos 20 de Agosto de 1823.

Pio VIII: Nasceu aos 20 de Novembro de 1761, em Cingoli (Itália). Em 1800 foi nomeado Bispo de Montalto. Os franceses destruíram-no para Milão e depois para Mantua, por causa de sua fidelidade a Pio VII. Este dá-lhe a púrpura, em 1816. Aos 31 de Março de 1829, os Cardeais confiam-lhe o governo da Igreja Universal. Depois da Revolução de Julho de 1830 reconheceu o novo governo da França que, com Luís Felipe de Orléans subiu ao poder. — Pio VIII nem dois anos governou, pois morreu a 1º de Dezembro de 1830.

Pio IX: Natural de Sinigaglia, onde nasceu aos 15 de Maio de 1792, foi chamado para o Senado da Igreja em 1840. Seis anos depois (16-6-1846) cingiu a tiara dos Romanos Pontífices. Se sofreu pelas revoluções e o exílio e foi privado do poder temporal, teve a satisfação de organizar a hierarquia eclesiástica na Inglaterra, Holanda e nas Américas. Aos erros religiosos opôs o "Sílabo". Em 8 de Dezembro de 1854 promulgou o dogma da Imaculada Conceição de Nossa Senhora. Por ocasião do Concílio do Vaticano (1869-70) elevou à categoria de dogma a doutrina da infabilidade do Papa em matéria de fé e moral. Depois de um pontificado de mais de 31 anos, entregou sua alma ao Creador, aos 7 de Fevereiro de 1878.

Pio X: Quando aos 2 de Junho de 1835 nasceu o pequeno José Sarto, filho de pais humildes, em Riese, seus compatriotas não podiam supor que o recém-nascido viria a ser, um dia, o grande Papa eucarístico. José Sarto ficou Cardeal em 1893 e foi eleito Papa aos 4 de Agosto de 1903, chamando-se Pio X. A importância de seu pontificado está expressa nos decretos sobre a Comunhão frequente e a das crianças. A música sacra teve nele seu competente reformador. Zelando a glória do culto, melhorou o Missal e o Breviário. Conscio de seu dever de pastor, condenou o moderníssimo e preparou o Código de Direito Canônico. Como antigo vigário, conhecia as necessidades do povo e favoreceu, por isso, a acção social católica. Também o Pontifício Instituto Bíblico venera em Pio X seu fundador. Foi sob o troar dos canhões da primeira guerra mundial, aos 20 de Agosto de 1914, que ele morreu.

Pio XI: Nasceu em 31 de Maio de 1857, em Désio, perto de Milão. Os anos de 1918-1921, passou-os como Delegado e Núncio papal na Polónia. Em 1921 foi designado Arcebispo de Milão e elevado à

dignidade cardinalícia. Em 6 de Fevereiro de 1922, os votos dos eleitores purpurados investiram o Cardeal Achiles Ratti do poder supremo sobre a Igreja de Cristo, escolhendo ele o nome Pio XI. Criou a Comissão de Socorros à Rússia, combatendo, ao mesmo tempo, o comunismo. É ele o organizador da Acção Católica. Pelo Tratado do Latrão criou o território soberano da Cidade do Vaticano. Sua morte ocorreu a 10 de Fevereiro de 1939.

Pio XII: Este Pontífice é filho de Roma, onde nasceu aos 2 de Março de 1976. Foi feito Cardeal no consistório de 16 de Dezembro de 1929. Foi detentor dos títulos de Arcipreste da Patriarcal Basílica Vaticana, Prefeito da Sagrada Congregação da Fábrica de São Pedro, Prefeito da Sagrada Congregação dos Negócios Eclesiásticos Extraordinários, Grão-Chanceler do Instituto Pontifício de Arqueologia Cristã. Porém mais do que estes títulos tornaram conhecido em todo o mundo o Cardeal Eugénio Pacelli a sua posição como Secretário do Estado de Sua Santidade o Papa Pio XI. Entrou no Conclave como Camerlengo e foi eleito Papa aos 2 de Março de 1939. Pio XII é o actual representante de Cristo na Terra, reinante gloriosamente.

Cássio A. Pinto da Luz, 4º Gin. A.

AQUELES TEMPOS TENEBROSOS...

Tantos são ainda hoje os que julgam que todo o progresso foi feito nas épocas descristianizadas dos séculos 18 até 20, chamando a Idade Média de era do obscurantismo, de ignorância, de tempos tenebrosos.

A tal concepção opõem-se a história genuína e os cientistas legítimos.

Seignobos, p. ex., escreve, na sua "História Sincera da França", pp. 225/226, nota 27:

"A admiração inspirada aos historiadores pela Renascença habituou-nos a considerar a Idade Média como um longo período de barbaria estéril em invenções. Mas o estudo detalhado da técnica do trabalho levou recentemente a constatar que vários processos de trabalho, desconhecidos dos antigos, eram de uso corrente antes do fim do século XV, frequentemente mesmo desde o XIII, sem que sempre se possa precisar o momento e o país onde foram inventados. Foi enumerada uma vintena destas invenções. As mais importantes são a coelheira colocada nas espáduas do cavalo, para a tracção, o moinho de vento, o motor hidráulico com as suas várias aplicações à serra mecânica, ao martelo, ao pisoar de panos, o fole da forja, a chaminé, o relógio de peso, o leme, a plaina e a candeia de sebo. Estas invenções, quer aumentando as forças motrizes ao serviço do homem, quer tornando mais rápidas as operações, diminuíram o esforço muscular dos operários e tornaram o trabalho menos penoso do que na antiguidade".

O físico P. Steindel, de Berlim, chama a atenção para um outro achado interessante: "O físico fran-

PRAIAS DE IPEROIG...

As areias inda estão, continúa o Brasil, sumiram-se os brasís. Anohieta, morreram teus índios! Solta o bastão que escreve... Quando os índios de longe te espreitavam, diziam entre si: "Deixem-no! O pajé fala com o céu! Tupan mandou os passarinhos para saber os desejos dele!"

Quando lhes disseste que eras casto, pasmaram, recuando de respeito e distância. "Tem por grande honra — como contas — quando vão alguns cristãos a suas casas, dar-lhes suas filhas e irmãs, para que fiquem por seus genros e cunhados". Mas tu prometeste à Única que quiseste escolher, o poema que puseste na areia, a pureza que consagraste n'alma.

14 anos: voto de virgindade em Coimbra.

17 anos: vocação à Companhia de Jesus.

21 anos: juventude plena e sensível: em Iperoig, isolado refém entre a indiada prenhe de sensualidades sôfregas.

De tarde, a mará subia até o poema, já guardado na memória, para que, pela Noiva, fosse guardada a pureza que Lhe o poema pede, até subir à graça do martírio.

Um éco. Das ondas que se esparramam e na areia esbatem.

E BOM SABER...

— O governo comunista, imposto por líderes vindos da Rússia, em "Azerbaijan", província setentrional da Pérsia, começou uma perseguição sistemática contra a Igreja. O culto religioso foi restringido, as escolas confessionais foram fechadas e é proibido o ensino de toda espécie de religião nas escolas controladas pelos comunistas. As propriedades dos cristãos e dos muçulmanos foram confiscadas.

— Dos 300 russos existentes no campo de refugiados em Lecce (Itália Meridional), cerca de uma centena converteram-se à Igreja católica.

— Numa recente mensagem de rádio, o Bispo de S. Diego, Cal., S. Excía. Revma. Charles F. Buddy declarou que os delegados estadunidenses para as deliberações da paz, nos 18 meses empregados no desempenho de sua missão, não têm feito outra coisa que "enganar-se a si mesmos e tornar-se ridículos perante todo o mundo" ao excluir de sua conferência a Cristo N. Sr. — De maneira semelhante exprime-se o editor de "The Irish Independent" (Dublin).

(Nuestra Vida — México)

— Dos 7.000 aparelhos de televisão da cidade de Chicago, uns 1.800 estão instalados em tavernas, atraindo mais do que 50% dos "fans" da televisão. Durante os jogos Pierre Duhem e os alemães H. Wieleitner e Edm. Hoppe estudaram os trabalhos dos escolásticos medievais. O resultado é que não se deve fazer pouco caso do que alcançaram os escolásticos da Idade Média também na física. Eles, consideradas a escassez e a imperfeição los instrumentos e aparelhos, prestaram serviços enormes às ciências naturais. De forma alguma podem ser despachados com um encolher de ombros os feitos dos escolásticos. A continuidade de desenvolvimento das várias doutrinas, também na época escolástica, nunca foi interrompida, embora seja uma tarefa muito difícil o revelar as relações, pois ainda hoje há muito material importante a ser publicado e estudado.

E o que vale das ciências naturais, deve dizer-se também das outras atividades humanas, como, por exemplo, da sociologia, da pedagogia e outras mais.

E embrenhemo-nos nos nossos sertões do século vinte, e havemos de encontrar condições piores ou, pelo menos, não melhores do que na Idade Média, no que diz respeito à higiene, à instrução, às habitações, à moral.

gos de futebol, é principalmente a mocidade que frequenta esses lugares para ver os certames. S. Excía. Revma. Bernard J. Sheil, Bispo Auxiliar de Chicago, não gosta disto. Por esta razão aceitou a sugestão de um representante da General Electric, o judeu John L. Keeshin, de instalar aparelhos em igrejas e escolas. A Catholic Youth Organization daquela cidade propaga a idéia. Keeshin elaborou um plano segundo o qual a aquisição dos aparelhos seria possível. Entre outras medidas sugere a cobrança de uma módica estrada. O Bispo já tem o seu aparelho, mas não quer saber de estradas — ele quer a mocidade. (Resumido).

— A Franqueza de Franco —

Quando uma comissão especial de nove membros do Congresso (U. S. A.) foi viajar para verificar a eficácia da "Voz da América", um programa de rádio do Departamento do Estado, combinaram de não visitar o Generalíssimo Franco, por causa da hostilidade da ONU contra seu regime. Durante uma entrevista em Madrid, o Ministro do Exterior espanhol, Alberto Martín Artajo, de repente perguntou aos homens da comissão, se desejavam falar com Franco. Enquanto discutiam entre si, Artajo pegou no telefone sobre a sua mesa, discou o número de Franco e arranhou uma entrevista imediata. Três membros, Walter H. Judd de Minnesota, Lawrence H. Smith de Wisconsin e Karl Mundt de South Dakota aceitaram, enquanto os demais se desculparam com "outros compromissos".

— Elegendo a Judd como porta-voz, o trio resolveu ser indiplomaticamente franco com Franco. O Generalíssimo, por sua vez, era simplesmente franco. Quando Judd disse-lhe que os americanos "consideram o senhor um ditador como Hitler e Stalin", Franco retrucou: "Queria que mais de vós visitassem a Espanha e vissem como damos à nação estabilidade e progresso econômico. Sei que não receberéis tal convite da Rússia. Hitler foi um agressor e isto é Stalin. Falai com Salazar em Portugal, o nosso vizinho mais fraco, e vede se ele teme qualquer ameaça de nosso lado. Em Espanha não temos nenhum racismo nem intolerância religiosa; falai com nossos líderes judeus e protestantes e verifícaí vós mesmos". — Quando Judd insistiu que Franco recebeu de Hitler auxílio durante a guerra civil, Franco respondeu: "Quando se está em guerra, não se é exigente demais quanto a seus aliados, como vós, na América, descobristes". (Newsweek — New York).

Põem-se, a seguir, as gerações modernas, diante do jovem que escreve com o bastão na areia. Reviveu o bulfício.

"Onde estão os meus índios, jovens? Que é feito da liberdade pela qual me afanei com meus companheiros?"

— Somos nós! Viemos. Ensina-nos a liberdade casta. Diz às índias que te não tocaram, que às emninas ensinem pudor. A nós, virilidade dá-nos, contrôle, alegria e amor ao teu Brasil; Brasil primeiro dos teus filhos brasís, Brasil crescente nosso, de tua missão filhos; Brasil supremo depois, nos filhos de nossa inteireza.

— Então venham, comigo cantem... Jovens, que quereis? (é?) felicidade?...

... Um bastão sulca...

PELA ORDEM DO ALFABETO, SÚPLICAS À VIRGEM MARIA

A. Ara Dei vivéns, divíni foéderis Arca, Conde tuó miserúm / mê benedicta sinú.

- A. Arca da diva aliança, / vivo Altar do Senhor Deus, leva, esconde este mendigo / bem dentro dos seios teus.
- B. Base esplendorosa de ouro, / o adorável Templo escoras; sustenta com tua força / do nosso ânimo as horas.
- C. Cerva linda que amamentas / o vigor das esperanças, revigora com teu néctar / a minh'alma sem bonanças.
- D. Devesa verde inflamada, / prazer de Deus e jardim, minha fé, meu calor sejam, / sê descanso para mim!
- E. Effigie que a sã beleza / retratas eternamente, vem acender tua imagem / no íntimo desta mente.
- F. Flama divina que ofuscas / o flamejar do astro-rei, vem afastar de meu peito / este caos em que ceguei!
- G. Gota que estilas docuras, / vem, destila em minha língua; desce, não deixes me murche / toda a vida aqui à minha!
- I. Infusa opulenta, manas / da oliva um perene rio, com teu óleo unge-me as chagas à que o desvario meu abriu.
- J. Jardim és do céu, fechado! / e aberto a Deus num sorriso, abre a mim também as portas / deste eterno paraíso.
- L. Lã duas vezes tingida / com a virgindade casta, tinge-me de amor de Cristo; / Lã! do amor de Ti me empasta!
- M. Mesa de manjares cheia / que alimenta Terra e Céu, tua iguaria sacie, / restaure este filho teu.
- N. Noiva do Deus teu intacta, / sempre intacta a teu Pai geras, seja casta minha vida / qual no parto casta eras.
- O. Orla do mar, Porto amigo, / que as naus batidas acolhes, O mar me some! Vê, Porto! / Peço-te, Orla, que me olhes!
- P. Púrpura da qual seu manto / o Rei divino tomou, despe-me da culpa e em mim / me veste o Deus n'Ó Qual sou.
- Q. Quadriga muito ligeira, / Tu que Jesus Juiz levas, Virgem sem par, tua destra / dá-me da altura sem trevas!
- R. Rainha, estrelas Tu reges / e a Terra como as estrelas, minha vida seja a tua, / Vida que vidas modelas!
- S. Selva de verdor eterno, / o altíssimo Fruto deste; este pobrezinho à sombra / dos teus férteis ramos veste.
- T. Torre que avanças aos astros, / mais que a de Sião sublima, sê fortaleza, a mais alta, / que ao sevo inimigo me exime.
- U. Uva que, sem exprimer-se, / vinho flui de mil sabores, são licores teus que tornem / ébrio a mim, se Tu não fores!
- X. Xaguão! a Casa de Cristo / toda de perfumes banhas; O teu Coração perfume, / tranforme as nossas entranhas!
- Z. Zona pura da pureza, / Cinto do amor sempre casto, cinge a mim, oh Virgindade! / para sempre em Ti me engasto!

... Que fizeste, Vate?! Pedimos-te a felicidade; deste-nos a Senhora da virgindade! Amanheça, pois, — para os amores de nossa mocidade, Tutora Ela... para sempre!

(Pela tradução em verso: Waldir Campos, 3º Científico).

CONCLUSÃO: Quase estamos pelo fim dos 5.786 versos — "De Beata Virgine..."

Despedida! Pronta a biografia mística. A pouco daí, Cunhambéba salvará o refém, que, como tal, salva o Brasil da retalhadura para os franceses. "... ivros com algumas coisinhas na caixa, como em penhor de minha vota e deixando a chave a uma mulher de Pindobussú, que não me queria menos que a filho".

Quem não nota a veemência genial das súplicas que se agigantam, se elevam densas, complexas, audazes como a impetuosa chegada das como conchinhas bem postas em brinquito de areia da praia!

Segue a final dedicatória: "En tibi quae vovi, Mater sanctissima, quondam..." Eis as canções, Mãe santíssima, que a Ti outrora em voto prometí, quando de inimigos feros era cercado.

Enquanto abrandava minha presença os Tamoios inimigos, inermes sustentou, à tua tutela esteve seguro o corpo e a mente. Ela, pela divina inspiração, muitas vezes desejou as torturas, desejou os duros ferros com cruel morrer. Mas no entanto, tocou a meus votos a merecida repulsa, pois que tão grande glória... a Heróis tão só compete!